

Editorial



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](#)

Caro leitor, cara leitora,

Neste último número do ano, a revista *Educação: Teoria e Prática* nos convida a discutir alguns dos temas que habitam, em nosso tempo, lugares obscuros no debate educacional. Buscamos, com os artigos que aqui reunimos, mergulhar “a pena nas trevas do presente”¹, nas palavras do filósofo italiano Giorgio Agambem.

Que lugar de fato hoje, nos discursos e nos fazeres da educação, para o tempo vivido pelos sujeitos e grupos, para suas memórias e experiências? Que espaço para a atribuição de sentidos, para a resignificação, para a sensibilidade e para a invenção de novas formas de se aproximar e de se relacionar com “os outros”? Que valor para a afetividade e para a oralidade?

Os dez artigos aqui reunidos, tão diversos em suas temáticas e modos de discuti-las, nos oferecem oportunidades de encarar “o facho de trevas”² que provém de nosso tempo.

Em “Profissão Professor: a dimensão afetiva contemplada em sua identidade”, Rebeca Possobom Arnosti, Larissa Cerignoni Benites e Samuel de Souza Neto destacam a importância de uma maior atenção e investimento com relação à dimensão afetiva que, ainda que renegada, se impõe e se faz presente no trabalho cotidiano e na identidade profissional dos professores.

Patrícia Bastos de Azevedo focaliza em seu artigo “História ensinada: práticas de letramento e produção de sentido” a importância das práticas de oralidade, de leitura e de escrita para a produção de sentidos sobre o passado nas aulas de história. Professor e aluno

¹ AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, Chapecó, SC: Argos, 2009. p.62.

² Idem p. 64.

figuram, nesse contexto, como protagonistas, respectivamente, da “história ensinada” e da “história aprendida”.

O artigo “Vivências profissionais e construção da disciplina escolar Biologia na formação inicial de professores”, de Mariana Lima Vilela, Sandra L. Escovedo Selles e Everardo Paiva de Andrade também nos remete à centralidade dos sentidos que os sujeitos atribuem a suas experiências educativas. Sob tal perspectiva, os autores ressaltam as potencialidades formativas da Práticas de Ensino como componente curricular para a formação de novos professores.

“Ah, eu acho a oralidade importantíssima!” A propósito da prática docente no ensino da oralidade” é o título do artigo de Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel e Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo Barbosa. Nele, as autoras discutem certas ambiguidades e dificuldades que se impõem ao tratamento do oral como objeto de ensino na escola.

Em “História de vida na pesquisa com adultos com deficiência: algumas reflexões”, Rogério Drago e Camila Reis dos Santos ressaltam as potencialidades da história de vida para o resgate da identidade e da subjetividade de pessoas adultas com deficiência. Consideram que tal metodologia seja capaz de possibilitar a esses sujeitos novos caminhos de acesso a bens culturais e de produzir uma resignificação da ação educativa.

Marcos Ferreira-Santos e Theda Cabrera Gonçalves Pereira no artigo “A sensibilização da memória por meio dos contos filosóficos na formação de educadores” nos apresentam uma proposta interessante para a formação de educadores que, segundo os autores, possibilita um preparo profissional mais coerente com a busca e a vivência de possibilidades educativas alternativas.

O artigo “Participação dos pais e alunos no cenário da gestão democrática”, de Elione Maria Nogueira Diógenes e Maria das Graças Correia Gomes nos chama atenção para certas dificuldades presentes na implementação de formas de gestão escolar mais participativas e democráticas, visto que tal processo requer, entre outros fatores, que pais e estudantes conheçam e vivenciem modos de funcionamento e de organização dos processos democráticos.

Terita Michele da Silva Ferreira e Tadeu João Ribeiro Baptista em “Concepção de corpo de estudantes de 1º e 8º períodos de duas Universidades de Goiás” nos apresentam possibilidades e limites presentes no modo como as concepções de corpo se fazem presentes na formação de estudantes de Educação Física.

Fernando José Monteiro da Costa discute potencialidades dos manuais escolares como dispositivo para a organização do trabalho pedagógico e, portanto, como regulador das relações entre professores e alunos. Seu artigo tem um título bastante instigante: “O Manual escolar como guarda-comidas, ou um processo de trofalaxia”.

Por fim, o artigo “A educação frente à diferença/diversidade sexual”, de Rogério Diniz Junqueira, defende que o reconhecimento, nos espaços educativos, da diferença/diversidade sexual ocorra por meio de pedagogias ancoradas em uma ética democrática e pela reflexão sobre os direitos humanos. Tal reconhecimento requer, segundo Junqueira, inventividade para a criação de novos valores e de novas formas de viver e de se relacionar nos espaços educativos.

Como visto, os temas aqui reunidos são desafiadores. O enfrentamento dos diversos dilemas, ambiguidades e contradições que marcam sua presença no campo educativo exige coragem para “ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós”³, novamente com Giorgio Agambem.

Que, então, tua leitura seja iluminada!

Flavia Medeiros Sarti

Pela comissão editorial

³ Idem p. 65.